

# Jack London e a homosocialidade em *Antes De Adão*

*Jack London and homosociality  
in Before Adam*

**Hélio Dias Furtado**

*Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Doutor em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários  
hdfurt@gmail.com*



## Resumo

O objetivo deste trabalho é uma análise da homossexualidade no romance *Antes de Adão* (1907) do escritor norte-americano Jack London, conhecido, entre outras coisas, pelo seu estilo de *tough guy*. Para tal, apresentamos primeiramente uma conceituação dessa expressão de masculinidade na sociedade estadunidense e uma rápida discussão do conceito de homossexualidade, concentrando-nos em suas principais características. Baseado nesse conceito, analisamos o relacionamento entre os dois principais personagens masculinos do romance acima citado. Essa análise revela um tipo de homossexualidade entre os dois principais personagens que se caracteriza por um grande companheirismo e também por um erotismo subjacente. Embora não seja um aspecto aprofundado no nosso trabalho, temos oportunidade de constatar que esse é um padrão que se repete em outros romances do escritor norte-americano e reflete seu próprio comportamento, em sua vida social, em relação a seus amigos homens.

**Palavras-chave:** homossexualidade, Jack London, *Antes de Adão*

## Abstract

The aim of this work is an analysis of homosociality in the novel *Before Adam* (1907) by the American writer Jack London, known, among other things, for his tough guy style. To this end, we first present a conceptualization of this expression of masculinity in North-American society and a quick discussion on the concept of homosociality, focusing on its main characteristics. Based on this concept, we analyze the relationship between the two main male characters in the novel mentioned above. This analysis reveals a type of homosociality between the two main characters that is characterized by great companionship and also by an underlying eroticism. Although it is not an in-depth aspect of our work, we have the opportunity to note that this is a pattern that is repeated in other novels by the American writer and reflects his own behavior, in his social life, towards his male friends.

**Key words:** homosociality, Jack London, Before Adam

## Introdução: o lobo e a homossexualidade

**N**os nossos cursos de literatura norte-americana, Jack London (1876–1916) é um escritor que nunca, ou muito raramente, é estudado. Apesar de sua enorme popularidade no começo do século XX, London, devido a posições e pontos de vista que ele assumiu em vida e que, ao longo do século, foram rejeitadas e condenadas, principalmente no meio acadêmico, aos poucos foi caindo em ostracismo. Entre suas polêmicas visões, podemos citar sua crença na superioridade racial dos povos anglo-saxônicos, sua misoginia e suas convicções marxistas. Essa última certamente foi o que, durante a prevalência do Macarthismo no cenário político dos Estados Unidos, fez dele um autor a ser evitado nos programas de literatura norte-americana em seu próprio país. Estudar e debater seus escritos poderiam significar complicações com a caça às bruxas contra os comunistas que dominou a sociedade americana no período do pós-guerra. Juntamente com esses fatores, o enorme sucesso de seus romances envolvendo histórias de cachorros, principalmente *O Chamado Selvagem* (1903) e *Caninos Brancos*, (1906), tornou-o, para muitos leitores e críticos, um autor de méritos literários questionáveis e, para alguns, mais conhecido como autor de histórias de aventuras de cães.

Para além dessas questões, a obra de London oferece a possibilidade de diferentes abordagens. Uma delas, e que é nosso objetivo aqui, é a maneira como ele caracteriza a homossexualidade entre seus personagens masculinos. Esse tema torna-se especialmente significativa no contexto da obra de London quando consideramos que, com o seu estilo de vida, ele encarnou o que seria o típico *tough guy* na cultura de seus país. Poderíamos dizer que o *tough guy* é o ideal de masculinidade que permeia a sociedade norte-americana. Em *American Tough* (1884), um estudo sobre o impacto dessa típica figura masculina nos valores americanos, o historiador britânico Rupert Wilkinson apresenta o que seriam suas principais características:

The tough guy is masterful. He can manage situations; he can manage himself. Calculation and self-control increase his effectiveness. He is the “can-do guy,” the guy who delivers, who gets things done. In tight situations, he demonstrates technical competence.

The tough guy is dynamic. His style celebrates action, impact, and the power of speed. He is the mobile operator geared to survival and success in a fluid society. (WILKINSON, 1984, p. 7)<sup>1</sup>

Desde muito cedo, a vida forçou Jack London a ser um *tough guy*, no sentido expressado por Wilkinson. Quando ainda criança, ele teve que começar a trabalhar pesado no empacotamento de pickles, em West Oakland, na baía de San Francisco, para ajudar na renda familiar. Sendo West Oakland um bairro portuário, o ainda adolescente London começou a frequentar os bares de marujos e estivadores e, como eles, logo se entregou ao vício da bebida, fato que mais tarde inspirou seu romance autobiográfico *John Barleycorn* (1914). Foi também nesse ambiente que ele aprendeu a furtar e comercializar frutos do mar. Depois, foi ser marujo durante oito meses, chegando até a costa do Japão. Mais adiante, London novamente troca a vida de empregado por uma de aventuras sem destino certo. Pelo mero prazer de perambular à toa, ele pega trens de forma clandestina e viaja uma grande extensão dos Estados Unidos, chegando até o Canadá. Essas suas aventuras lhe custaram um período na prisão no condado de Erie, no estado de Nova York. Mais tarde, London vai para o Klondike, região canadense de temperatura extremamente baixa, para onde muitos americanos estavam se aventurando em busca de ouro. Em resumo, ele sempre foi

---

1 O *tough guy* é imperioso. Ele sabe lidar com situações; ele sabe se controlar. A previsão e o autocontrole aumentam sua eficácia. Ele é o “cara que pode fazer”, o cara que entrega, que faz as coisas. Em situações difíceis, ele demonstra competência técnica. O *tough guy* é dinâmico. Seu estilo celebra a ação, o impacto e o poder da velocidade. Ele é o operador móvel voltado para a sobrevivência e o sucesso em uma sociedade fluida. (tradução do autor)

um *tough guy* que nunca se intimidou diante das dificuldades da vida e estava sempre disposto a novas aventuras em busca de seu lugar ao sol.

Esse espírito e atitude de *tough guy* estão refletidos na construção de muitos dos personagens de London e se expressa, muitas vezes, pela agressividade física. Com certeza, o mais emblemático desses personagens é Wolf Larsen, protagonista que dá nome ao romance *O lobo do mar* (1904). Sendo capitão de uma escuna de caça a focas, Larsen se impõe a seus subordinados pela sua força física, fazendo valer o ditame da lei do mais forte. Quando ele tem a sua autoridade contrariada, é pela força que ele faz valer sua vontade. Ainda no começo do romance, há um embate entre ele e o subordinado Leach que questiona uma ordem sua. A reação de Larsen é imediata:

Então sobreveio outra demonstração da força imensa de Wolf Larsen. Foi completamente inesperada e ocorreu no espaço de dois segundos. De repente, ele tinha saltado quase dois metros e enfiado o punho no estômago do rapaz. [...] O camaroteiro, que pesava no mínimo setenta e cinco quilos, se dobrou inteiro. Seu corpo desconjuntado enrolou-se ao redor do punho como um pano molhado na ponta de uma vassoura. Ele decolou, descreveu uma trajetória curta, caiu de cabeça e ombros sobre o convés e ficou se retorcendo de dor ao lado do cadáver. (LONDON, 2013, p. 49-50)

Ao mesmo tempo que essa masculinidade agressiva e animalésca assusta e intimida o narrador/personagem Humphrey van Weyden, também provoca nele uma admiração com conotação abertamente erótica. Um exemplo disso é quando ele descreve sua própria reação ao ver o corpo de Larsen quando, após outro embate físico, esse o chama para cuidar dos seus ferimentos.

Wolf Larsen, porém, tinha uma figura de homem, masculina, e de uma perfeição que o aproximava de um deus. Enquanto passeava pela cabine ou erguia os braços, músculos enormes

saltavam e se moviam por baixo de sua pele acetinada. Esqueci de comentar que o bronzeado se limitava ao seu rosto. Seu corpo, graças à estirpe escandinava, era branco como o das mais brancas mulheres. Quando levantou a mão para apalpar a ferida na cabeça, vi seu bíceps mover como algo vivo por baixo do revestimento alvo. Era o bíceps que quase havia arrancado minha vida, que desferira tantos golpes mortais diante de meus olhos. Eu não conseguia desgrudar os olhos dele. Fiquei ali parado, sem perceber que o rolo de algodão antisséptico que eu estava segurando começara a se desenrolar pelo piso. (LONDON, 2013, p. 152)

Essa admiração ambígua de Van Weyden por Larsen, em que há um claro tom de erotismo, revela que o tipo de homosocialidade presente no universo fictício de London tem características próprias e que se repete em outros romances. Antes, porém, de ver como isso acontece em *Antes de Adão*, romance de Jack London no qual pretendemos nos concentrar, é necessário ter uma clara visão do que se entende por homosocialidade.

Uma pesquisa desse termo nos dicionários online Michaellis e Cambridge revela que ele ainda não consta dos seus respectivos léxicos. No primeiro, a mensagem recebida foi “nenhuma palavra encontrada”. No segundo, foi sugerido o adjetivo *homoerotic* como palavra mais próxima da pesquisada. Uma pesquisa na internet sobre a produção mais recente nos estudos de gênero no Brasil revela que muito se tem pesquisado sobre homosociabilidade, mas pouco ou quase nada sobre homosocialidade. No que se refere aos estudos literários, essa abordagem é, da mesma forma, quase inexistente. Assim, como veremos abaixo, as pesquisas sobre homosocialidade estão mais concentradas nas Ciências Sociais e/ou na Psicologia.

Em seu artigo intitulado “Welcome to the men’s club: homosociality and the maintenance of hegemonic masculinity”, Sharon Bird apresenta o que pode ser considerado como uma definição e caracterização da

homossocialidade. Ela afirma que a homossocialidade “refers specifically to the nonsexual attractions held by men (or women) for members of their own sex<sup>2</sup> (BIRD, 1996). Nesse sentido, a autora enfatiza que além de promover uma distinção entre homens e mulheres nas instituições sociais, a homossocialidade também funciona, em um contexto predominantemente masculino, para promover uma clara distinção entre masculinidades hegemônicas e não-hegemônicas. Nesse mesmo artigo, a autora especifica as principais características da masculinidade hegemônica que, em sua visão, são reforçadas por meio da homossocialidade: distanciamento emocional, competição e a objetificação sexual da mulher.

Na visão de outros estudiosos, o distanciamento emocional é uma das características mais importantes da homossocialidade entre homens. Compartilhando da visão de Sharon, em um artigo no qual discute a crise da masculinidade, o psicólogo Sérgio Silva (2006) também começa a enumerar as características da masculinidade hegemônica pelo distanciamento emocional, embora ainda aponte outras não mencionadas por Bird: a agressividade e comportamento de risco.

Confirmando essa ênfase no distanciamento emocional, Kiesling (2005), faz a mesma observação em sua pesquisa sobre a homossocialidade e o comportamento de alunos membros de uma fraternidade universitária norte-americana. Ele observa que o distanciamento emocional parece ser um ponto fundamental no relacionamento que se estabelece entre aqueles alunos. O autor afirma: “We have also seen that such expressions [of homosocial desires], while overt, are never directly addressed to a single man, but to a group, and physical expressions of such desire are also indirect.”<sup>3</sup>

---

2 se refere especificamente às atrações não sexuais mantidas por homens (ou mulheres) por membros de seu próprio sexo.

3 Também vimos que tais expressões [de desejos homossociais], embora explícitas, nunca são endereçadas diretamente a um único homem, mas a um grupo, e as expressões físicas de tal desejo também são indiretas.

Essas noções de distanciamento emocional e de expressão apenas em grupo nas relações homosociais que se estabelecem entre os homens serão de grande importância para a análise da homosocialidade no universo fictício de Jack London. Da mesma forma, outra importante característica será o grau de homoerotismo que pode ser identificado nessas relações. Nesse sentido, é importante considerarmos a definição de homosocialidade como proposto por Eve Sedgwick, teórica que originalmente criou esse termo:

“Homosocial” is a word occasionally used in history and the social sciences, where it describes social bonds between persons of the same sex; it is a neologism, obviously formed by analogy with “homosexual” and just as obviously meant to be distinguished from “homosexual”. In fact is applied to such activities as “male bonding”, which may, as in our society be characterized by intense homophobia, fear and hatred of homosexuality. To draw the “homosocial” back into the orbit of “desire”, of the potentially erotic, then, is to hypothesize the potential unbrokenness of continuum between homosocial and homosexual – a continuum whose visibility, for men, in our society, is radically disrupted. (SEDGWICK, 1985, p. 1-2)<sup>4</sup>

O conceito proposto por Sedgwick lida com a ideia de que, em um nível consciente, o elemento erótico não é, a princípio, o que predomina nas relações entre os homens. Pelo contrário, um dos fatores que une os homens em suas relações sociais é uma atitude “de medo e ódio da

---

4 “Homosocial” é uma palavra usada ocasionalmente na história e nas ciências sociais, na qual se descreve os laços entre pessoas do mesmo sexo; é um neologismo, obviamente formado por analogia com “homossexual”, e também obviamente para se distinguir da palavra “homossexual”. Na verdade, essa palavra é aplicada a atividades tais como “relações masculinas”, que podem, como em nossa cultura, ser caracterizado por intensa homofobia, medo e ódio da homossexualidade. Trazer de volta o “homosocial” para a órbita do “desejo”, do potencial erótico, então, é teorizar uma não ruptura e, sim, uma continuidade entre homosocial e homossexual, uma continuidade cuja visibilidade para os homens, em nossa sociedade, é radicalmente interrompida. (tradução do autor)

homossexualidade”, de “intensa homofobia”. Em outras palavras, estamos falando de homens que procuram e sentem prazer na convivência social com outros homens, mas que, pelo menos no nível consciente, não estão em busca de satisfação sexual com aqueles com quem interagem socialmente. Nesse contexto, o que Sedgwick propõe é teorizar uma não-ruptura, ou seja, restabelecer uma continuidade entre homosocial e homossexual, trazendo essas relações de volta para a “órbita do desejo”. Em outras palavras, ela está sugerindo que há, ou que deveria haver como algo natural, o elemento erótico nas relações entre homens. É nessa perspectiva que também podemos abordar a homosocialidade dos personagens masculinos de Jack London pois, embora eles não expressem uma explícita homofobia, há um erotismo subjacente nas relações que se estabelecem entre eles como, em parte, já exemplificamos acima.

É importante observar que, mesmo sem recorrer ao conceito de homosocialidade como o definiu Sedgwick, o relacionamento muito próximo que se estabelece entre os homens, principalmente os heterossexuais, em sua vida social, sempre vem à tona nos estudos sobre masculinidade. No seu livro seminal de 1987, *Falo – a sagrada imagem do masculino*, o psicanalista jungiano Eugene Monick aborda esse tema, embora sem explorar ou sugerir um aspecto erótico, como faz Sedgwick. O autor, a partir de uma perspectiva psicanalítica, estuda a virilidade enquanto elemento religioso na vida do homem e menciona, ao mesmo tempo, a sua influência na maneira como os homens se relacionam:

O deus [o falo] é reverenciado na intimidade secreta do macho. Os homens sabem algo do qual não falam abertamente. Eles riem disso juntos, eles implicitamente compreendem uns aos outros, mas não falam abertamente. Um mundo de conhecimento mútuo é partilhado por eles sem nenhum esforço explícito para comunicar o que sabem. (MONICK, 1993, p. 21).

Em outras palavras, Monick entende que há uma cumplicidade entre os homens baseada no fato de todos compartilharem a experiência do falo. Eles formam o que Bird, no título do seu artigo, chama de *the men's club*, o clube dos homens. Na visão do psicanalista, enquanto elemento religioso, o falo cria entre os homens um pacto recíproco, embora nunca verbalizado e do qual, obviamente, as mulheres não fazem parte.

## Homossocialidade antes de Adão

Voltando ao tema da homossocialidade nos romances de Jack London, o que podemos ver é que seus personagens masculinos geralmente têm um forte laço de amizade que, em muitas situações, beira o erótico, embora não haja nenhuma indicação de o autor querer retratá-los como homens que tenham desejos homossexuais latentes. Com essa concepção é que podemos observar a peculiaridade do desenvolvimento do relacionamento entre os dois principais personagens masculinos do romance *Antes de Adão*, publicado originalmente em 1907.

Nesse romance de London, a história se passa no tempo em que os homens ainda estão em um estágio de desenvolvimento primário. Eles estão em seu processo evolutivo da condição de primatas para a de homens pré-históricos. No mundo em que eles vivem, três grupos distintos de homens primitivos são apresentados, cada um representando três estágios diferentes do desenvolvimento do ser humano na face da terra: há o Povo das Árvores, o Povo das Cavernas e o Povo do Fogo. A intenção de London é mostrar como as pessoas, ou humanoides, fazem para sobreviver numa época anterior à formação do homem atual e das sociedades humanas como nós as conhecemos. O artifício usado para que isso seja possível é por meio de lembranças do narrador, um homem dos tempos atuais. Através de sonhos e pesadelos, esse narrador que nunca é nomeado, consegue reconstituir toda sua vida passada nos tempos da pré-história. Nessa reconstituição de seu passado pré-histó-

rico, o narrador e protagonista nela, a quem ele decide nomear como Dentuço, consegue mostrar de forma cronológica os principais eventos vividos naquela outra era.

Como já apontamos anteriormente, a luta pela sobrevivência no tempo pré-histórico e a lenta evolução em direção ao homem moderno na qual os personagens estão envolvidos são o principais focos desse romance de London. Isso é mostrado por meio do protagonista da história e das muitas aventuras nas quais ele se envolve, principalmente ao lado do seu companheiro Orelha-de-Abano. Mais do que aventuras, Dentuço, em um segundo momento do romance, passa a dividir com seu novo amigo uma pequena caverna na nova comunidade para onde ele se mudou. É em torno da amizade e o companheirismo dos dois que se desenvolverá o enredo do romance.

Antes porém do início da amizade entre esses dois personagens, Dentuço ainda mora com os seus pais, na comunidade do Povo das Árvores. Desde o começo da história, quando ele ainda era uma criança dependente de sua família, ele demonstra uma grande admiração pelo que caracteriza a masculinidade viril de seu pai. Bem no começo da história, quando o narrador começa a relatar de forma cronológica os eventos que lhe vêm em sonho de forma fragmentada e incoerente, ele recorda um momento dramático que vive com os seus pais. Nesse momento, ele está para ser atacado por um javali e, primeiramente, aparece a sua mãe para protegê-lo e, depois, o seu pai. Embora sua mãe seja uma presença mais constante em sua vida e também seja quem lhe alimenta e protege diariamente, o narrador a descreve em apenas um parágrafo. No entanto, quando ele vai descrever seu pai, ele o faz de forma minuciosa, mencionando as diferentes partes de seu corpo, fazendo uma longa descrição que se estende por um total de cinco parágrafos.

Impressionado pelo desempenho corajoso e determinado do seu pai na luta contra os javalis para defender sua esposa e filho, Dentuço vê

nele a grande fonte de inspiração que moldará o seu futuro, influenciando sua visão de vida. Ele faz um verdadeiro enaltecimento das qualidades másculas do pai que nos lembra a passagem, acima mencionada, na qual Humphrey van Weyden expressa sua grande admiração pelo dotes físicos de Wolf Larsen. No caso de Dentunço, seu pai é o modelo de masculinidade mais próximo e a quem ele quer imitar. Assim descreve Dentunço o seu pai:

E, enquanto eu o olhava, senti em meu próprio ser, em meus próprios músculos, o ímpeto e um desejo vibrante de pular de galho em galho; e sentia também a certeza da existência de uma força latente naquele meu ser e nos meus músculos. E por que não? Os meninos pequenos observam os seus pais pegar os machados e cortar árvores e sentem que um dia eles também vão poder pegar um machado e cortar árvores. O mesmo se deu comigo. A vida que havia em mim me capacitava a fazer o que meu pai fazia, e me murmurava em segredo e ambiciosamente sobre caminhos aéreos e fugas pela floresta. (LONDON, 2007, p. 25-26).

Na continuação do enaltecimento que Dentunço faz de seu pai, outro aspecto que não passa despercebido é o seu carácter hamletiano. Na peça de Shakespeare, Hamlet força sua mãe a confrontar seu finado marido com o seu atual, Cláudio, mostrando as grandezas do primeiro:

Veja a graça pousada neste rosto  
Os cabelos de Apolo, a frente do próprio Júpiter;  
O olho de Marte, que ameaça e comanda;  
O porte igual ao de Mercúrio-mensageiro  
Descendo numa montanha alta como o céu;  
Um conjunto e uma forma na qual  
Cada deus fez questão de colocar sua marca,  
Pra garantir ao mundo a perfeição de um homem.  
Este era seu marido. (ato III, cena iv)

Dentuço, mesmo reconhecendo que o seu “não era um pai extremamente atraente como são os pais” (LONDON, 2007, p. 24), assim mesmo o descreve de forma a enfatizar a sua força física e masculinidade selvagem, expressando assim toda a sua admiração pela figura paterna:

Parecia meio homem e meio macaco, e, no entanto, nem macaco nem homem. Não consigo descrevê-lo. Hoje em dia não há nada parecido com ele na terra, debaixo da Terra ou dentro dela. Era um homem grande para a sua época e devia pesar uns bons 60 quilos. O rosto dele era largo e achatado, e as sobrancelhas caíam sobre os olhos. Quanto aos olhos, eram pequenos, profundos e juntos. Praticamente não tinha nariz. Era pequeno e largo, aparentemente sem a ponta, enquanto as narinas eram como dois buracos no rosto, abrindo-se para fora em vez de para baixo.

A testa inclinava-se para trás, e o cabelo começava bem nos olhos, subindo por trás da cabeça. A cabeça em si era despropositadamente pequena e se apoiava num pescoço grosso, curto e igualmente despropositado.

Havia uma economia básica no corpo dele – como havia nos corpos de todos nós. [ . . . ] O corpo de meu pai representava força, força sem beleza; uma força primitiva, selvagem, feita para agarrar, apertar, arrebentar e destruir. (LONDON, 2007, P. 24)

A descrição de Dentuço ainda continua com mais detalhes do físico de seu pai, reconhecendo nele a falta de beleza física, mas sem poder negar a admiração que ele lhe causava como pai.

Porém, da mesma forma que acontece com o personagem shakespeariano, o pai de Dentuço logo também se torna uma figura ausente, provavelmente tendo sido morto na luta pela sobrevivência. Diante dessa situação, sua mãe arranja um novo companheiro, o Tagarela, que no entanto não desempenha o papel de uma figura paterna inspiradora na vida de Dentuço. Na realidade, em outro paralelo com a peça shakespeariana, ele antipatiza seu enteado e quer se livrar de

sua presença a qualquer custo. Para escapar às trapaças de Tagarela que põe a sua vida constantemente em perigo, Dentuço foge e vai se juntar ao Povo das Cavernas e é lá que ele encontra em um jovem macho como ele, Orelha-de-Abano, que, mais do que amigo, se tornará o seu companheiro na luta pela sobrevivência.

## Distanciamento emocional x proximidade física

Como vimos no início deste trabalho, o distanciamento emocional é uma das principais características da homosocialidade entre os homens, juntamente com o fato de que ela se expressa mais em um grupo social do que individualmente. No entanto, em *Antes de Adão* Jack London quebra essas duas regras quando descreve o relacionamento que se estabelece entre os dois novos amigos.

Depois que Dentuço se muda para o meio do Povo das Cavernas, ele e Orelha-de-Abano se tornam logo amigos muito próximos, principalmente porque ambos não têm mais família com quem conviver. Assim, seguindo a lógica de uma visão naturalista, que sempre predomina nos romances de London, esses personagens masculinos se aproximam muito pela necessidade de sobrevivência física. Juntos, eles são mais fortes para enfrentar os inimigos e as adversidades da natureza. No entanto, o que se pode observar é que a maneira como é descrita a proximidade e a intimidade física deles deixa margem para o entendimento de que há um elemento de erotismo na amizade dos dois, mesmo quando se leva em consideração uma contextualização histórica do romance.

Primeiramente, podemos observar que, desde o início, o narrador caracteriza a amizade entre Dentuço e Orelha-de-Abano como uma relação em que há constantes contatos físicos. Embora, a princípio, não seja de se estranhar que haja esse tipo de contatos entre amigos homens, a maneira como eles são descritos em *Antes de Adão* vai além do que

seria convencional entre dois meros companheiros. Assim, ao término do seu primeiro dia com o Povo das Cavernas, quando Dentuço e Orelha-de-Abano estão cansados das brincadeiras, eles se sentam “com os braços em volta um do outro” (LONDON, 2007, p. 43). Na hora de dormir, Orelha-de-Abano leva o novo amigo para a pequena caverna onde ele habitualmente dorme e que inicialmente mal lhe comporta sozinho. Na descrição apresentada pelo narrador, o quarto de pedra “era baixo – não tinha mais do que 60cm de altura e, possivelmente, 90 x 120cm em largura e comprimento.” (LONDON, 2007, p. 44) Nesse espaço tão restrito para abrigar os dois amigos, a solução encontrada foi dormir “aconchegados um nos braços do outro” (LONDON, 2007, p. 44). Quando chega o inverno, é também nos braços um do outro que os dois amigos buscam se aquecer. Diz o narrador: “Orelha-de-Abano e eu sentávamos bem juntos com nossos braços e pernas em volta um do outro, azuis de frio e batendo dentes”. (LONDON, 2007, p. 59)

Não há como negar uma carga de erotismo nesse tipo de descrição, mesmo quando levamos em consideração alguns elementos contextuais que poderiam justificá-los, conforme mencionamos anteriormente. Por exemplo, na última citação, podemos argumentar que o que fazia com que os dois amigos dormissem abraçados era a necessidade de se proteger contra o frio em uma época em que o fogo ainda não havia sido descoberto pelo homem. Além disso, se levarmos em consideração a biografia de Jack London, é preciso lembrar que ele teve a oportunidade de viver um período de sua vida no Klondike, no estado do Alasca, região conhecida pelas suas baixíssimas temperaturas. Numa época em que não havia os modernos meios de calefação, certamente o costume de homens dormirem juntos deve ser visto como uma questão de sobrevivência, pois sem nenhum tipo de calor eles poderiam morrer de hipotermia durante o sono. Foi possivelmente inspirado na aspereza dessa realidade vivida por ele próprio que London criou a cena dos dois homens-macacos dormindo abraçados para se protegerem do frio. Por

outro lado, quando ele vai relatar seu envolvimento com uma fêmea, como veremos mais adiante, esse tipo de descrição nunca está presente.

Outro elemento que precisa ser levado em consideração, mas que também não justifica o erotismo das cenas dos dois personagens são os costumes sociais do momento histórico em que o romance foi escrito. *Antes de Adão* foi publicado originalmente em 1907, portanto muito antes do surgimento do movimento pelos direitos dos homossexuais nos Estados Unidos e dos estudos de gênero nos cursos universitários. A importância desse fato é que na sequência do movimento pelos direitos dos homossexuais veio uma mudança nos costumes e comportamentos sociais. Por exemplo, até então, não era considerado necessariamente sinal de homoerotismo o fato de dois homens andarem de braços dados, o que mudou após os movimentos sociais dos anos 1960. A própria literatura nos dá um exemplo da normalidade com que o contato físico entre dois homens, em um espaço público, era socialmente aceitável. Em *David Copperfield* (1850) do escritor inglês Charles Dickens, podemos encontrar a seguinte passagem:

As I was looking out of the window that same evening, it surprised me, and made me rather uneasy, to see Mr. Micawber and Uriah Heep walk past, arm-in-arm: Uriah humbly sensible of the honour that was done him, and Mrs. Micawber taking a bland delight in extending his patronage to Uriah. (DICKENS, 1994, p. 222)<sup>5</sup>

O que surpreende o narrador David Copperfield não é o fato dos dois homens estarem caminhando de braços dados, algo não incomum naquela época, mas o fato de estarem juntos. Embora o romance de Charles Dickens tenha sido publicado na Inglaterra e cerca meio século

---

5 Enquanto eu estava olhando pela janela, naquela mesma noite, fiquei surpreso e um pouco desconfortável, ao ver o Sr. Micawber e Uriah Heep passar andando de braços dados: Uriah humildemente sensível da honra que foi feita a ele, e o Sr. Micawber sentindo um prazer em estender seu apoio a Uriah. (*tradução do autor*)

antes do de Jack London, os costumes sociais não se diferenciam tanto nas duas sociedades e não tinham sofrido uma mudança tão significativa nesse intervalo de tempo.

## Mulher: objetificação sexual ou intrusão?

Como a própria expressão revela, a objetificação sexual da mulher refere-se ao fato de vê-la como meramente objeto dos desejos sexuais dos homens. Na homosocialidade masculina, essa objetificação se expressa principalmente por meio dos relatos, reais ou fictícios, das conquistas e aventuras sexuais que os homens fazem. Dessa forma, em um grupo de amigos, esses relatos funcionam para estreitar os laços de amizade entre eles. A rivalidade por uma mesma mulher pode acontecer, mas seria apenas entre dois homens.

No caso da amizade entre Dentuço e Orelha-de-Abano, a fêmea basicamente funciona como um elemento desagregador do forte laço que se estabelece entre os dois amigos. Em um segundo momento, a mulher/ou fêmea será o refúgio para onde eles irão, mas isso apenas depois de uma vida de intensas aventuras e camaradagem e, novamente dentro de uma visão naturalista, para cumprir sua obrigação de reprodução da espécie.

A fêmea por quem Dentuço se apaixona se chama Ligeira. Quando ela aparece pela primeira vez na história, ela é apenas mencionada de forma passageira, sem que haja nenhuma descrição dos sentimentos e desejos que ela desperta em Dentuço. Na realidade, ela é primeiramente mencionada quando o narrador faz uma digressão à propósito da maneira como novos “hábitos” são adquiridos na comunidade do Povo das Cavernas, e, entre esses hábitos, ele discorre sobre o da monogamia. Nesse contexto, Dentuço se esforça para diferenciar seu sentimento em relação à Ligeira dos hábitos que se estabelecem naquela comunidade. Em suas palavras, ele diz:

A fidelidade dos casais monogâmicos a que me referi pode ser explicada como um hábito, mas meu longo desejo pela Ligeira não pode ser explicado dessa maneira, como também a eterna inimizada entre mim e Olho-Vermelho” (LONDON, 2007, p. 60).

Embora a intenção tenha sido de mostrar como os seus sentimentos vão além de meros hábitos, a comparação não sugere uma grande importância ao que ele sente por Ligeira naquele momento e ao papel que ela poderia desempenhar em sua vida. Fica apenas a impressão de que o que o protagonista sente vai além de um mero hábito e pode ser tão intenso quanto o ódio que ele sente pelo seu principal inimigo. Depois dessa primeira referência a ela, durante muito tempo nada mais é revelado sobre seu sentimento por Ligeira, concentrando o romance na amizade dos dois amigos.

Ainda nessa sua digressão sobre a formação de novos hábitos entre os habitantes do Povo das Cavernas, Dentuço menciona o transporte e a provisão de água nas cavernas, para uso futuro, feito em pequenas cabaças. Esse novo hábito era praticado principalmente pelos casais monogâmicos que, também como parte dos novos hábitos, estavam se formando naquela comunidade. Porém, o mais interessante é que o narrador revela que ele e Dentuço também passam a adotar esse novo hábito de reserva de água em sua caverna. No contexto em que esse fato é narrado, e considerando a referência aos casais monogâmicos, fica subjacente a ideia de que os dois amigos estão se comportando como um casal monogâmico. Ao mesmo tempo, no entanto, como em uma aparente justificativa para o fato de eles se comportarem como um casal, o narrador enfatiza o caráter de sobrevivência que faz com que eles adotem o hábito de estocar água. Tendo água em sua caverna durante a noite dispensava-os de precisarem fazer eventuais saídas noturnas, o que poria em risco suas vidas. Novamente, o que os estaria guiando seria primordialmente a luta pela sobrevivência.

Embora não seja prioridade em sua vida, a fêmea Ligeira volta ocasionalmente aos pensamentos de Dentuço. Ele se considera apaixonado por ela principalmente por duas de suas características. Primeiramente, está o aspecto físico. Ligeira se distingue das outras fêmeas do bando por ter traços mais suaves, o que levou Dentuço a deduzir que ela era possivelmente filha de um dos membros do Povo do Fogo, a raça mais desenvolvida de humanoides. No final, essa suspeita será confirmada. A outra característica era a passividade. Num primeiro momento, o narrador diz que “ela nunca dava aqueles gritos ásperos e raivosos e parecia ser mais de sua natureza afastar-se de um problema do que ficar e lutar.” (LONDON, 2007, p. 83). Em outro momento, ele ainda diz: “Sua suavidade e gentileza me atraíam. Nunca ficava grosseira e nunca brigava.” (LONDON, 2007, p. 84). Considerando a origem de Ligeira, fica evidente que o que atrai Dentuço nela são suas características herdadas de um povo mais evoluído do que o seu.

Apesar de inicialmente as fêmeas serem apenas mencionadas de forma espaçada e intermitente, há um momento na história do romance em que o narrador se concentra nas relações amorosas dos dois amigos. Isso acontece quando Dentuço começa a se aproximar de Ligeira, de quem se torna companheiro, ao mesmo tempo em que Orelha-de-Abano se aproxima da meia-irmã do seu amigo, por quem ele parece estar se apaixonando, e vai também fazendo novos amigos entre outros jovens. No entanto, não passa despercebido que, apesar dessa aproximação entre Dentuço e Ligeira, o narrador não os descreve compartilhando da mesma intimidade física que flui naturalmente na amizade entre ele e Orelha-de-Abano. Sendo um pouco mais explícito nesse aspecto, Dentuço diz sobre o relacionamento do jovem casal: “Sem dúvida, se nada tivesse acontecido, teríamos em breve nos acasalado, pois nosso bem-querer era mútuo; mas algo aconteceu.” (LONDON, 2007, p. 87). Ou seja, não houve entre os dois os mesmos abraços e aconchegos nas noites frias que havia com o amigo.

Essa diferença entre a maneira como Dentuço se relaciona com Orelha-de-Abano e a maneira como ele se relaciona com Ligeira aponta para a tipo de homosocialidade que pode ser observado no universo ficcional de Jack London. Os constantes contatos físicos entre os dois amigos eram algo natural e espontâneo, uma parte indissociável da expressão de masculinidade dos dois. Por outro lado, o relacionamento com Ligeira, quando finalmente se concretizar, não vem acompanhado de companheirismo e diversão. Dentro da visão naturalista do autor, esse relacionamento entre macho e fêmea apenas segue o ritual de acasalamento da espécie que deverá ter como objetivo a procriação da espécie. Ou seja, os dois estarão cumprindo o papel biológico que se espera deles.

No entanto, como foi sugerido mais acima, algo acontece para impedir o desenvolvimento do relacionamento entre Dentuço e Ligeira. O clima de quase romance que se inicia entre eles é interrompido quando os dois amigos, um pouco por prazer e um pouco forçados pela perseguição do vilão Olho-Vermelho, partem em uma aventura que durará mais de um ano e que os levará até o território do Povo do Fogo. Quando eles retornam dessa longa jornada, novamente eles vão morar juntos na mesma caverna e, novamente, mais do que compartilhar um espaço físico para dormir, o narrador menciona o companheirismo dos dois quando armazenam nozes para o inverno que se aproxima e quando lutam juntos para se protegerem dos novos ataques de Olho-Vermelho, que continua a tentar destruí-los.

Se houvesse seguido a lógica dos romances tradicionais, uma das primeiras atitudes de Dentuço ao voltar de sua fuga deveria ser, considerando que ele achava que estava começando a gostar de Ligeira, procurar seu antigo amor. No entanto, sendo o foco do romance a amizade dos dois homens-macaco, quando eles retornam, Ligeira, de forma muito conveniente, havia desaparecido da tribo, um desaparecimento que nunca fica esclarecido. Assim, ficam os dois à vontade para retomar sua amizade como antes.

Apesar do conveniente desaparecimento de Ligeira, assim mesmo os dois amigos não escapam da entrada da mulher em suas vidas como um elemento desagregador da amizade deles. Isso acontece primeiramente quando Orelha-de-Abano, no inverno seguinte depois da volta da jornada à terra do Povo do Fogo, começa a se relacionar com a meia-irmã de Dentuço e passa a dividir sua caverna com ela sem nada comunicar a seu amigo. A reação de Dentuço é de alguém que se sente traído em um relacionamento. Ele diz a esse respeito: “Orelha-de-Abano casou-se. Era o segundo inverno depois de nossa viagem aventureira e foi muito inesperado. Ele não me avisou. Soube primeiro num crepúsculo quando subi o penhasco para nossa caverna. Me espremi na entrada e ali fiquei. Não havia lugar para mim” (LONDON, 2007, p. 114).

Guiado pelo sentimento de traição e, também, pelo instinto de autopreservação, Dentuço não cede seu espaço na caverna e no coração do amigo sem antes resistir: “Tentei forçar a entrada. Só havia espaço para dois e este já estava ocupado. Eles também me tinham em posição vantajosa e depois de vários arranhões e puxões de pelo fiquei contente em bater em retirada” (LONDON, 2007, p. 114). Embora sua reação seja típica de um marido traído, junta-se a ela o fato de que Orelha-de-Abano era seu único companheiro na pela sobrevivência em um mundo onde as hostilidades físicas eram constantes. De forma repentina, ele não somente perdeu o seu abrigo noturno como também o seu companheiro de luta contra Olho-Vermelho.

Em uma demonstração da maior valorização que London atribui à amizade entre dois homens do que ao relacionamento marital, o casamento de Orelha-de-Abano não dá certo e a amizade dos dois amigos volta ao que era anteriormente. Diz o narrador:

O casamento de Orelha-de-Abano não deu certo e o único consolo foi que não durou muito. Nem ele nem eu fomos felizes durante aquele período. Fiquei solitário. Sofria a inconveniência

de ter sido expulso da minha pequena e segura caverna e, de alguma forma, não conseguia me entender com nenhum outro jovem macho. Suponho que minha camaradagem de longa data com Orelha-de-Abano tinha se tornado um hábito. (LONDON, 2007, p. 115-116)

No contexto de uma visão naturalista da vida, a sobrevivência e reprodução são dois instintos básicos dos seres vivos (LORENZ, 1966). No entanto, o que leva Orelha-de-Abano a abandonar sua companheira é sua situação de infelicidade na vida de casado. A sua companheira no final revelou-se uma megera que ninguém podia domar:

Disse que Orelha-de-Abano não era feliz. Minha irmã era filha do Tagarela e tornou a vida de Orelha-de-Abano miserável. Em nenhuma outra caverna havia tantas discussões e brigas. Se Olho-vermelho era um barba-azul, Orelha-de-Abano era um moleirão, e imagino que Olho-Vermelho era esperto demais para cobiçar a mulher de Orelha-de-Abano. (LONDON, 2007, p. 116)

Não deixa de chamar a atenção o fato de o narrador salientar que nem ele nem Orelha-de-Abano tinham sido felizes durante o período do casamento do último. Nesse período, como ele próprio revela, ele não conseguiu se entender com nenhum outro macho com quem pudesse se juntar na luta pela sobrevivência. Com o fim do casamento de Orelha-de-Abano, os dois amigos voltam à vida que levavam anteriormente.

Esse fato reflete a importância que é atribuída às relações homosociais no universo fictício de Jack London. Há sempre a sugestão de que a juventude do homem é para ser usufruída com diversão e aventuras e que isso só é possível ao lado de um amigo homem. Apesar disso, observa-se em *Antes de Adão* uma necessidade explícita de explicar e justificar a escolha dos amigos, numa aparente tentativa de se resguardar de acusações de homoerotismo. Para tanto, há uma óbvia manipulação da estrutura narrativa do romance para justificar esse comportamento.

Por um lado, o fato de Dentuço não estar buscando uma fêmea com quem se acasalar é explicado pela escassez de fêmeas na tribo e a lembrança que ele tem de Ligeira que, como já vimos, havia desaparecido. Dessa maneira, ele fica desobrigado de procurar outra companhia feminina. Por sua vez, Orelha-de-Abano não tinha sido infeliz em seu casamento pelo fato de, como já apontamos anteriormente, sua fêmea ser meia-irmã de Dentuço, portanto filha do encrenqueiro padrasto Tagarela e, tendo herdado o mesmo gênio do pai, tornando-se uma pessoa com quem conviver é impossível.

Ainda dentro dessa manipulação do enredo para justificar os dois amigos ficarem juntos e sem fêmeas, há um fato inusitado. Diante da estranha situação de Orelha-de-Abano largar sua fêmea e voltar a conviver com seu amigo Dentuço, o narrador apresenta uma solução do tipo *deus ex-machina*: a fêmea de Orelha-de-Abano é morta durante um ataque do Povo do Fogo contra o Povo das Árvores. Assim, está justificado seu retorno para a companhia de Dentuço.

Apesar dessas manipulações do enredo, quando de sua conclusão, *Antes de Adão* segue o mesmo padrão que apontamos acima em *O lobo do mar*, ou seja, no universo ficcional de Jack London e dentro da lógica do seu naturalismo, o macho, no final das contas, sempre vai em busca de sua fêmea para cumprir seu papel de reprodutor da espécie. Nesse sentido, da mesma forma que Maud Brewster aparece para dar um outro rumo ao relacionamento de Wolf Larsen e Van Weyden, Ligeira reaparece, depois de seu sumiço, para que Dentuço retome seu amor por ela. O acasalamento dos dois se dar depois de muita fuga por parte dela e perseguição por parte dele, seguindo o típico ritual de acasalamento da tribo. A artificialidade desse romance não passou despercebida. Um crítico já o definiu como sendo um romance “dry, distant, and emotionless”, ou seja, seco, distante e sem emoção (IRONBOMBS, 2013)

Quando finalmente Dentuço vence a disputa, eles se juntam como um casal. Nesse momento, como em um filme em que, para se evitar mostrar uma cena de sexo entre dois recém-casados, faz-se a câmara mudar de foco, nada é relatado sobre o que acontece na noite de núpcias deles. Nem mesmo a descrição dos constantes abraços e contatos físicos, como ocorria entre Dentuço e Orelha-de-Abano, aparece no relacionamento desses dois. O que importa é que Dentuço está agora cumprindo sua função biológica de reprodução da espécie.

## Conclusão

É óbvio que, quando da escrita de *Antes de Adão*, não era e nem poderia ter sido a intenção de Jack London criar nele um relacionamento erótico entre dois personagens masculinos. No entanto, a homossexualidade que une seus personagens masculinos é caracterizada por um subjacente “potencial erótico”, para usar os termos de Eve Sedgwick. Esse potencial, como vimos, é revelado seja na admiração e deslumbramento de Van Weyden pelo físico de Wolf Larsen seja na preferência e apego que Dentuço tem pelo seu amigo Orelha-de-Abano ao longo de quase todo o enredo de *Antes de Adão*.

Até que ponto Jack London estava inconsciente desse potencial erótico entre seus personagens masculinos é um questionamento que levanta suspeitas quando lemos seus biógrafos. Para um deles, Alex Kershaw, “através de Van Weyden, Jack também expressou anseios homoeróticos (. . .)” (KERSHAW, 2013, p. 198). Ainda dentro desse aspecto da vida de London, outro biógrafo seu, James L. Haley, relata o rompimento da amizade dele com George Sterling, com quem London tinha uma grande amizade e proximidade. Respondendo a uma carta dele sobre a decepção de não ficarem morando próximos como era o sonho deles, London diz: “I am afraid that the dream was too bright to last – our being near each other. . . . It is not through any fault of yours,

nor through any fault of mine. The world and people just happen to be so made.” (HALEY, 2010, p. 196)<sup>6</sup>

Com essa afirmação, London se define em relação aos limites que ele se impõe no que se refere a sua proximidade dos amigos homens e, por que não?, ao erotismo que ele e/ou seus personagens se permitem nesses relacionamentos. Tendo dedicado um extraordinário número de horas diárias às suas leituras, certamente não foi inconscientemente que ele adotou a filosofia de um famoso contemporâneo seu e que, sem nunca ter assumido publicamente sua homossexualidade, viveu-a sempre forçando os limites impostos pela sociedade, mas apenas até onde achava isso possível e aconselhável. Em *Servidão Humana* (1916), o romancista e dramaturgo inglês W. Somerset Maugham afirma o que muito dizem ter sido a sua filosofia de vida em relação à sua preferência sexual: “Follow your inclinations with due regard to the policeman round the corner”<sup>7</sup> (MAUGHAM, 1990, p. 294). Maugham viveu a maior parte de sua vida com um amante que oficialmente era sempre apresentado como seu companheiro-secretário, apesar de ser de conhecimento de seus amigos mais próximos que os dois viviam maritalmente. No entanto, ele jamais admitiu publicamente ser homossexual. Em uma sociedade em que a homossexualidade era considerada crime previsto em lei, ele preferiu viver sua sexualidade sem nunca afrontar o “policia na esquina”.

Da mesma forma, é sempre assim que um erotismo velado se expressa na homosocialidade masculina no mundo ficcional de Jack London: na admiração pelas qualidades física e intelectual de outro homem, no reconhecimento de que é na companhia de amigos que

---

6 “Receio que o sonho tenha sido brilhante demais para durar - estarmos perto um do outro... Não é por culpa sua, nem por culpa minha. Por acaso o mundo e as pessoas são assim ” (tradução do autor)

7 “Siga suas inclinações, levando em consideração o policial na esquina” (tradução do autor)

um homem se diverte mais e aproveita mais uma vida de aventuras e diversões e, finalmente, em contatos físicos que, embora constantes e íntimos, sempre terá o objetivo de apenas afastar o frio.

## Referência

BIRD, Sharon R. “**Welcome to the Men’s Club: Homosociality and the Maintenance of Hegemonic Masculinity**”. [online] *Gender and Society*, Vol. 10. No. 2, 1996, 120-132 Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/189829>. Acessado em 28.11.2019

DICKENS, Charles. **David Copperfield**. London: Penguin Books, 1994.

HALEY, James L. **Wolf - The lives of Jack London**. New York: Basic Books, 2010.

IRONBOMBS, Admiral. **Before Adam – Jack London**. [online] Disponível em: <https://yellowedandcreased.wordpress.com/2013/07/17/before-adam-jack-london/>. Acessado em 29.04.2020

KERSHAW, Alex. **Jack London – uma vida**. Tradução de Maria Lúcia Leão. São Paulo: Benvirá, 2013.

KIESLING, Scott Fabius. **Homosociality in Men’s talk: Balancing and Recreating Cultural Discourses of Masculinity**. [online] *Language and Society*. 2005, 34(5), 695-726. Disponível em [https://www.researchgate.net/publication/231906968\\_Homosocial\\_desire\\_in\\_men’s\\_talk\\_Balancing\\_and\\_re-creating\\_cultural\\_discourses\\_of\\_masculinity](https://www.researchgate.net/publication/231906968_Homosocial_desire_in_men’s_talk_Balancing_and_re-creating_cultural_discourses_of_masculinity). Acessado em 22.04.2020.

LONDON, Jack. **O Lobo do mar**. Tradução de Daniel Galera. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

LONDON, Jack. **Antes de Adão**. Tradução de Maria Inês Arieira e Luís Fernando Brandão. Porto Alegre: L&PM, 2007.

LORENZ, K. **Natural Science of The Humans Species**. (Apud RUIZ, Castor M.M. Bartolomé. “A potencia da ação. Uma crítica ao naturalismo da violência.” [online] *Kriterion* vol.55 no.129 Belo Horizonte Jan./June 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-512X2014000100003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-512X2014000100003). Acessado em: 04.05.2020

MAUGHAM, W. Somerset. **Of Human Bondage**. London: Mandarin, Paperbacks, 1990.

MONICK, Eugene. **Falo: a sagrada imagem do masculino**. Tradução de Jane Maria Corrêa. São Paulo: Edições Paulinas, 1993.

SILVA, Sérgio Gomes. **A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista**. [online] *Psicologia Ciência e Profissão*. 2006, 26(1), 118-131. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932006000100011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932006000100011&script=sci_abstract&tlng=pt). Acessado em 28/03/2020.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. “Introduction”. In: **Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire**. New York: Columbia University Press, 1985

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. [online] Tradução de Millor Fernandes. Disponível em <https://liviafloreslopes.files.wordpress.com/2014/10/shakespeare-hamlet.pdf>. Acessado em 10/09/2019.

TERRON, Joca Reiners. “Jack London – Muitas vidas em uma”. In: LONDON, Jack. **O lobo do mar**. Tradução de Daniel Galera. 1ª. Rio de Janeiro: Zahar, 2013 (pp. 7-21).

WILKINSON, Rupert. **American tough: the tough guy tradition and American character**. Westport: Greenwood Press, 1984.